Tancredo Neves e Paulo Maluf

Tarcísio Holanda

As despedidas dos Senadores José Richa, Tancredo Neves e Franco Montoro — respectivamente quarta, quinta e sexta-feira da semana passada — serviram para mostrar o grau de boa vontade do Palácio do Planalto em relação a cada um desses novos Governadores opositoristas eleitos no Paraná, em São Paulo e Minas Gerais.

A despedida do Senador Tancredo Neves transformou-se numa verdadeira consagração, através de uma sucessão de apartes de senadores pedessistas que, por pouco, não o transformaram em candidato desse partido a Presidente da República. Preocupado com o oba-oba dos apartes, o presidente do PDS, Senador José Sarney, chocou o plenário com um aparte insólito, porque fora do tom das homenagens, como a bater na cangalha para o burro entender.

Embora o aparte de Sarney tenha chocado mesmo seus colegas de bancada do PDS no Senado, o Palácio do Planalto gostou da intervenção do senador maranhense. E a primeira consequência foi instruir o partido para evitar que as manifestações de admiração e carinho a Tancredo não se repetissem com o Senador Franco Montoro, em sua despedida na sexta-feira passada.

A despedida do futuro Governador de São Paulo já foi recebida com mais sobriedade pelos senadores governistas, cujos apartes eram comedidos e muito diferentes das declarações de amor da intervenção, por exemplo, do Senador João Calmon, do PDS do Espírito Santo. A diferença nos apartes a Montoro reflete, aliás, a visão diferente que o Palácio do Planalto tem do Governador de São Paulo e do Governador de Minas Gerais.

Enquanto Tancredo segue uma linha de franca moderação, preocupado em não tomar qualquer atitude que desgoste o governo — e a formação de seu secretariado revela essa tendência — Franco Montoro segue orientação mais ortodoxa, e procurou compor um Secretariado mais partidário, menos preocupado em mandar recados amistosos para o governo.

Esta diferença de tratamento do governo em relação aos dois políticos transpareceu nas suas despedidas na semana passada.

Embora mais cautelosos, o Senador Tancredo Neves fez um discurso em sua despedida que, para os dirigentes do PDS, não poupou o governo. Na análise que fez da situação brasileira, o PDS atribui a Tancredo Neves a formulação de uma crítica mais contundente ainda do que o Senador Montoro, quando faz referência à crise econômico-financeira e seus reflexos sociais.

Assim mesmo, o governo é muito mais compreensivo e menos prevenido com o futuro Governador de Minas Gerais do que com seus colegas do Rio de

Janeiro ou de São Paulo. Entre pessoas ligadas ao Presidente Figueiredo há um consenso quanto à influência que o político mineiro poderá vir a ter na formulação do esquema da sucessão presidencial.

Até, agora, não se admitiu, em círculos ligados ao governo e ao PDS, que o sistema de forças encarnado na liderança do atual Presidente da República venha a renunciar ao direito de indicar o candidato a Presidente da República em favor de uma composição com o astuto político mineiro. Mas, não afasta a hipótese de um entendimento que confira influência ao Governador de Minas.

Não é segredo para ninguém que o Palácio do Planalto não tem no ex-Governador Paulo Maluf o candidato dos seus sonhos. Há cerca de um mês atrás, um influente prócer do partido governista previa que, mais cedo ou mais tarde, Maluf entrará em curso de colisão com o Palácio do Planalto, tal a preocupação que provoca o seu trabalho de aliciamento no colégio eleitoral.

Uma figura importante do regime lembrava-nos, semana passada, que o governo via com inquietação encontros como o que tivera Paulo Maluf, recentemente, num encontro político na cidade do Crato, no Sul do Ceará, onde estavam presentes nada menos do que 13 membros do colégio eleitoral que vai eleger o futuro Presidente da República.

Entre pessoas da cúpula do regime circula a informação de que Maluf tem 140 milhões de dólares, em "cash", para investir em sua campanha de candidato a Presidente da República.

Em círculos do PDS ainda se alimenta a esperança de que Paulo Maluf concorde em negociar, afastando-se do páreo onde é visto com má vontade pelo governo. Lembra-se, a propósito, que ele chegou a propor um acordo com Laudo Natel, quando competia com este no PDS paulista para o Governo do Estado. Maluf concordaria em se retirar da disputa em troca da Prefeitura da capital e da rica Secretaria de Transportes.

Natel recusou-se a fazer o acordo convencido de que poderia fazê-lo mais tarde, depois de derrotar Maluf. Não derrotou, foi vencido pela sua incompetência e pelas condições dentro do Palácio do Planalto, que Maluf explorou com a habilidade de um comerciante levantino.

Tancredo poderá ampliar seu raio de influência na sucessão presidencial na medida em que Maluf ameace o roçado do governo, onde age com o desembaraço de galhas no arrozal. O futuro Governador de Minas tem sensibilidade e competência para compreender a importância do papel que poderá desempenhar nesse próximo jogo de xadrez da sucessão presidencial, cuja preliminar já destruiu tantos e tantos sonhos.